

Cepal prega políticas industriais para enfrentar concorrência na Alca

AEB diz que bloco será o pesadelo dos eletroeletrônicos e bens de capital

Marco Antônio Teixeira/13.9.2002

Vivian Oswald

• BRASÍLIA. A formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca) ainda provoca a desconfiança de especialistas em comércio exterior e dos exportadores brasileiros. O secretário-executivo da Comissão para América Latina e Caribe (Cepal), José Antonio Ocampo, disse que, se não houver um grau adequado de ofertas para todos os países, não pode haver Alca. Ele defendeu mecanismos para apoiar os países que podem vir a ser prejudicados com o livre comércio.

Ocampo afirmou ainda que, para tirar o maior proveito possível do bloco, os países devem desenhar políticas industriais nacionais para enfrentar o livre comércio e criar condições de competição.

— Livre comércio gera oportunidades, mas não automaticamente o desenvolvimento. É preciso ter uma estratégia para o setor produtivo que permita aos países aproveitar essas oportunidades.

Brasil é o único latino com peso em tecnologia

Entre os exportadores, a Alca ainda divide as opiniões. Segundo o diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), José Augusto de Castro, setores como bens de capital e eletroeletrônicos devem ser prejudicados pelo bloco, porque não têm como competir com os produtos americanos.

— Para uns setores, a Alca é um sonho. Para outros, um pesadelo. O bloco será um sonho para calçados, confecções, autopeças, cerâmicas, veículos, suco de laranja e so-



JOSÉ ANTÔNIO Ocampo, secretário-executivo da Cepal: "É preciso ter estratégia para o setor produtivo"

ja. Mas para bens de capital e eletroeletrônicos, deve ser um pesadelo — disse Castro.

Para Ocampo, o Brasil tem um setor agropecuário e de agronegócio muito forte, assim como o tecnológico:

— É o único país latino-americano que tem estrutura de exportação de serviços no mesmo nível de países industrializados. É o único país em que a área tecnológica pesa mais na balança do que turismo e transportes, como nos outros países da região. Por isso, existem grandes oportunidades para o país nesse setor.

O diretor da AEB vê com desconfiança o fato de os americanos terem apresentado pro-

postas diferentes para blocos dentro das américas. Segundo ele, ainda não está claro como o Brasil e os Estados Unidos vão agir nas negociações.

— No início, a Alca era para ser uma área de livre comércio para os 34 países das américas, mas virou a área de livre comércio para blocos das américas — afirmou o exportador.

Professora da FGV defende participação nas negociações

Castro também criticou a decisão dos EUA de discutir agricultura somente no âmbito da Organização Mundial do Comércio. Segundo ele, isso esvaziava os temas de interesse do Brasil, que pode receber muito

pouco em troca com a abertura comercial. Mesmo assim, Castro defende a participação do Brasil nas negociações:

— Tem que negociar para saber se vale a pena.

Segundo a professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Lia Valls Pereira, o governo brasileiro precisa definir com clareza a estratégia que vai usar nas discussões da Alca. Para ela, é essencial que o Brasil participe das negociações:

— Não participar é pior. Fecham-se os acordos e o país pode ficar para trás. Primeiro, negocia e, no final, se achar que as discussões estão tomando outro rumo, aí sim se pensa em outra estratégia. ■